

2005/12/28

O QUE SE PODE ESPERAR DA NOVA MARINHA AMERICANA

Alexandre Reis Rodrigues

Na nova configuração da Marinha americana, os três tipos de navios a aparecer em maior número serão os *destroyers* com mísseis guiados (62), os navios de combate no litoral (55) e os submarinos de ataque (48); os três tipos juntos constituirão mais de metade do total da esquadra (53% do total de 313 navios, que é o actual requisito). A seguir virão os navios anfíbios (31) e os navios de apoio logístico (30). É essa, pelo menos, a proposta do actual Chefe das Operações Navais, Almirante Mullen, que em Julho passado, substituiu o Almirante Vernon Clark. Mullen faz algumas alterações à proposta do seu antecessor nomeadamente no número de submarinos nucleares de ataque que Clark admitia poder situar-se em 41 unidades.



Há dois tipos de navios que desaparecerão do actual inventário: as 30 fragatas com mísseis guiados, da classe Oliver Perry, e os 14 navios de guerras de minas. Esta última capacidade será preenchida com veículos não tripulados a instalar nos navios de superfície, principalmente nos navios de combate no litoral; os sonares de navios de superfície terão capacidade melhorada de detecção de minas.

Três dos novos navios que a Marinha vai passar a dispor foram concebidos de base como uma “família” de navios, especialmente pensada para cobrir todo o espectro de possíveis operações, incluindo as operações no litoral, tarefa que ficará atribuída primariamente ao navio de combate de litoral; os outros dois novos tipos de navios são o DD(X) – *Land Attack Destroyer* para projectar poder sobre terra e o CG(X) que assegurará a defesa aérea e antimísseis balísticos de teatro (previsto um total de 19).

Para que este plano seja financeiramente exequível a Marinha tem feito um esforço para reduzir alguns custos de construção, principalmente nos navios mais dispendiosos, como é o caso dos submarinos nucleares de ataque e do novo *destroyer* DD(X). A dificuldade é conseguir esse objectivo com um mínimo de impacto nas capacidades previstas; uma das hipóteses pode passar por uma revisão da estratégia de construção, designando dois estaleiros para a construção dos dois primeiros navios de cada tipo para então, mais tarde, decidir qual é o que se ocupará da construção do resto da classe (prevê-se um total de sete navios, cada um a custar entre 1,8 e 2 mil milhões de dólares, no período coberto pelo plano financeiro).

Para além dos meios atrás mencionados, a esquadra americana continuará a incluir porta-aviões (11), submarinos com mísseis balísticos (14), submarinos com mísseis guiados (4), navios com material pré-posicionado (12) e mais 20 navios de comando e apoio.

O que é que, muito resumidamente, nos diz esta panóplia de meios, em termos de intenções sobre a utilização do poder naval?

Diz-nos que a Marinha americana, para além da ênfase que põe nas operações no litoral e na optimização da sua natureza expedicionária, em especial, na vertente de projecção de poder sobre terra, vai continuar a reter as tradicionais competências de uma marinha com capacidade de controlo do mar. Porém, este último requisito será mais inspirado pela necessidade de controlar áreas específicas, onde a utilização de táticas assimétricas por opositores com menores capacidades se poderá tornar a principal ameaça à livre e segura circulação da navegação, do que assente nos conceitos de Mahan, muito virados para a manutenção do domínio sobre os grandes espaços oceânicos e necessidade de eliminar as esquadras inimigas.

Diz-nos ainda que a natureza muito específica das operações no litoral obriga a rever totalmente a caracterização dos meios destinados a operar nessa área, exigindo-lhes capacidade de operação em águas mais baixas e restritas, melhor preparação para enfrentar ameaças assimétricas designadamente através do recurso a veículos não tripulados, sistemas de armas contra terra de elevada precisão e capacidade de reconfiguração, num curto espaço de tempo, em função da situação esperada em cada caso específico.

Finalmente, evidencia a importância atribuída à redução de dependências de bases externas de

apoio em terra e do papel que a Marinha americana pode desempenhar nessa área para assegurar maior independência operacional, aliás a essência do conceito de capacidade expedicionária para que as marinhas estão especialmente talhadas.

26 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/06/18

O DUPLO USO E A COOPERAÇÃO NOS ESPAÇOS MARÍTIMOS[1]

José Afonso Galrito[2]

2012/01/26

THE VIRTUES OF DEBATING DEFENCE POLICY

Tiago Fernandes Mauricio[1]

2011/12/05

A PIRATARIA MARÍTIMA NA SOMÁLIA[1]

José Rodrigues Pedra[2]

2011/12/04

QUO VADIS ESTRATÉGIA MARÍTIMA EUROPEIA?[1]

José Rodrigues Pedra[2]

2011/10/30

O SENHOR MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA E A SALINIDADE DAS ÁGUAS

José Castanho Paes[1]

2011/10/13

AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS E A GUERRA DE SUPERFÍCIE

Alexandre Rabello de Faria[1] e Marcus de Azevedo Braga[2] (Brasil)

2011/02/21

MARINHA DE DUPLO USO: UM CONCEITO PÓS-MODERNO DE UTILIZAÇÃO DO PODER MARÍTIMO[1]

Nuno Sardinha Monteiro e António Anjinho Mourinha[2]

2010/07/14

FORÇAS PARA O BEM[1]

Nuno Sardinha Monteiro[2]

2010/03/14

A SOBERANIA DOS ESTADOS E O MAR - A REALIDADE PORTUGUESA[1]

João Pires Neves[2]

2009/12/05

SÍNTESE GEOPOLÍTICA E GEOSTRATÉGICA DO PODER NAVAL PORTUGUÊS [1]

João Brandão Ferreira

2007/05/06

A GNR E O MAR TERRITORIAL (VERSÃO INTEGRAL DO ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL PÚBLICO DE 5 MAIO)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/04/20

ESTARÁ A TROPA INGLESA DE BOA SAÚDE?

João Brandão Ferreira

2007/04/14

CONHECIMENTO, USO E CONTROLO DO MAR PORTUGUÊS

José Castanho Paes

2007/01/09

O NAUFRÁGIO [1]

Alexandre Reis Rodrigues

2006/06/01

REEQUIPAMENTO ADIADO

João Ferreira Barbosa

2006/01/17

O EMPREGO DO PODER NAVAL NO SÉCULO XXI

Alexandre Reis Rodrigues

2005/10/09

O MAIOR PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO NAVAL DESDE A 2ª GG

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/27

MÍSSEIS TOMAHAWK PARA A MARINHA ESPANHOLA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/08/04

DE NOVO OS SUBMARINOS

Alexandre Reis Rodrigues

2004/06/03

O NOVO NAVIO PARA OPERAÇÕES NO LITORAL

Alexandre Reis Rodrigues

2004/05/21

CARACTERÍSTICAS DAS ESTRUTURAS DAS FORÇAS NAVAIS MULTINACIONAIS

António Silva Ribeiro

2004/01/19

A ESTRATÉGIA NAVAL PORTUGUESA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/01/08

A MARINHA AMERICANA – PLANOS DE NOVAS CONSTRUÇÕES

Alexandre Reis Rodrigues

2003/11/16

A NOVA MARINHA AMERICANA. FICÇÃO OU REALIDADE?

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/31

NOVAS FRAGATAS PARA AS MARINHAS FRANCESA E ITALIANA

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/25

NOVOS PORTA-AVIÕES NA EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues